

## MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: PERCEPÇÕES E IMPACTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRINHA, ORIXIMINÁ (PA)

Frankilin José de Oliveira Melo<sup>1</sup>, Rosenilda da Rocha Pinto<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Pará - UFOPA, Santarém- PA, Brasil  
(frankilinjose2004@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Pará - UFOPA, Santarém- PA, Brasil

**Resumo:** Este estudo investiga os impactos das mudanças climáticas na comunidade quilombola Serrinha, localizada em Oriximiná (PA), na Amazônia brasileira. Seguindo uma metodologia mista, reunindo dados qualitativos e quantitativos, a pesquisa contou com a participação de 33 moradores (12,4% da população local). Os resultados evidenciam o aumento perceptível da temperatura, alterações no regime de chuvas e escassez hídrica, além de impactos diretos na agricultura (redução na fertilidade do solo e dificuldade de cultivo), na pesca (87,8% relataram queda na disponibilidade de peixes) e na (75,7% citaram problemas de saúde relacionados à falta de água potável e doenças respiratórias). Além disso, as práticas culturais e a organização social também são impactadas. Aproximadamente 48% afirmaram que famílias tiveram de sair da comunidade devido às adversidades climáticas. O estudo destaca a necessidade de políticas públicas eficazes e intersetoriais que possam mitigar esses impactos. Essas medidas são essenciais para o fortalecer a resiliência da comunidade, garantindo assim a sua permanência no território e a preservação de seus modos de vida tradicionais.

**Palavras-chave:** Mudanças climáticas, comunidades quilombolas, vulnerabilidade socioambiental, adaptação.

### INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas representam uma das maiores ameaças do século XXI à estabilidade ecológica, econômica e social do planeta. O aquecimento global, impulsionado pela crescente emissão de gases de efeito estufa decorrente de atividades humanas como o desmatamento, a queima de combustíveis fósseis e a agropecuária intensiva, tem alterado de forma profunda os regimes climáticos em diversas regiões do mundo. Embora se trate de uma crise de escala planetária, os seus impactos não se distribuem de forma homogênea: comunidades em situação de vulnerabilidade social e dependentes diretamente dos recursos naturais são desproporcionalmente afetadas (Santos et al., 2022; Menin, 2021).

Embora seja um problema global, a mudança climática tem efeitos muito localizados específicos do contexto, portanto, o problema precisa ser tratado em múltiplas escalas. A lacuna entre a tradição altamente teórica pós-colonial e a indústria de desenvolvimento focalizada nos resultados significa que as vozes dos pobres não são ouvidas adequadamente em cada uma dessas escalas (Walters; Lyons, 2023)

Nesse sentido, a crise climática não deve se limitar à análise de dados científicos de aumento de temperatura do planeta, como se esse fato fosse vivenciado igualmente por todas as pessoas. O aspecto mais peculiar da mudança climática é que as populações que menos contribuem para o problema das alterações climáticas são as mais propensas a sofrer seus impactos. (Nusdeo; Silva, 2023). Essa desigualdade torna-se mais evidente quando se observa os povos e comunidades tradicionais.

As comunidades quilombolas a partir do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) garantiram o direito fundamental ao território e com os artigos 215 e 216 da CF/1988, a proteção a suas historicidades e presenças nas maneiras de viver, fazer, criar e produzir. O Decreto nº 4887/2003 responsabiliza o Estado à consagração e efetivação de políticas públicas específicas com prioridades ao processo de titulações de territórios quilombolas. Para o ano de 2020 o IBGE apontava mais de 5.972 comunidades quilombolas no Brasil. De acordo com a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), são mais de 6.300 comunidades, com mais de 16 milhões de quilombolas distribuídas em várias regiões do Brasil. O quadro abaixo demonstra o distanciamento entre o



número de comunidades tituladas e as que estão em processo de titulação (Diniz, Diniz, 2024).

Na Amazônia brasileira, os territórios quilombolas enfrentam pressões por impactos ambientais decorrentes da crise climática e enfrentam ainda a negligência do poder público em garantir direitos e infraestrutura. Na Amazônia Legal existem 77 terras quilombolas tituladas onde vivem 144 comunidades. Tais territórios somam 633.178,2743 hectares distribuídos pelos Estados do Pará, Amapá, Maranhão e Rondônia. Dentre as áreas protegidas, os territórios quilombolas encontram-se entre as mais suscetíveis a pressões e ameaças, uma vez que não existem políticas públicas para apoiar as comunidades na proteção e na gestão de suas terras (Andrade, 2011).

Em Oriximiná, durante décadas o isolamento ajudou os quilombolas a manter suas terras protegidas. Seus territórios apresentam grandes extensões de florestas com quase 100% de suas áreas preservadas. Mas o avanço da ocupação dessa região da Amazônia torna os quilombolas e suas florestas cada vez mais vulneráveis a uma série de ameaças, como a exploração madeireira e mineral, os planos de exploração do potencial hidroelétrico dos rios que cortam suas terras, ação de pescadores e garimpeiros, e ainda pelos impactos das mudanças climáticas (Andrade, 2011).

O aumento da temperatura, escassez hídrica e enchentes, fenômenos cada vez mais recorrentes, afetam diretamente as populações mais vulneráveis, como é o caso da comunidade Serrinha, no oeste do Pará, uma das comunidades que sentem esses impactos. A escolha da comunidade como foco se justifica tanto pela sua localização estratégica no ecossistema amazônico, região de transição entre várzea, floresta e comunidades urbanas quanto pelo seu histórico de organização comunitária e luta por direitos territoriais. A comunidade já foi centro de pesquisas e isso torna mais fácil a aplicação do diálogo com uma base teórica para compreender o cenário atual em que se encontra e sua vulnerabilidade social e ambiental.

Ao longo dos anos, a comunidade se estruturou social e territorialmente, com uma forte organização comunitária, e participação em pesquisas. Um dos projetos já desenvolvido dentro deste território foi o “Projeto de terraplanagem de viveiros de plantas silvestres”. Este histórico aliado à vulnerabilidade frente às mudanças climáticas, justifica a escolha da comunidade Serrinha como foco deste estudo. A região tem enfrentado alterações no regime hídrico com secas severas e prolongadas, que dificultam significativamente a locomoção, principalmente em

períodos de estiagem intensa, quando o nível dos rios diminui drasticamente.

Nesse contexto, os moradores são obrigados a percorrer longas distâncias em busca de alimentos, como peixes e frutas, além de recursos hídricos adequados para o consumo. A escassez de água e alimentos compromete não apenas a segurança alimentar e nutricional das famílias, mas também sua saúde, bem-estar e capacidade de permanência no território tradicional.

Apesar de recorrentes relatos dos moradores sobre esses impactos, suas percepções ainda não são consideradas em políticas públicas e planejamento técnicos. Diante disso, este estudo se justifica pela necessidade de compreender como as comunidades quilombolas estão vivenciando essas transformações climáticas e como suas percepções podem contribuir para o planejamento de estratégias mais justas e eficazes de adaptação. A pesquisa também busca fortalecer o debate sobre justiça climática com valorização de saberes locais e a construção de políticas intersetoriais voltadas à sustentabilidade de territórios tradicionais.

Desta forma, este trabalho parte da seguinte pergunta norteadora: como as mudanças climáticas têm impactado o cotidiano da comunidade quilombola serrinha, e de que forma as percepções locais podem contribuir para o planejamento de estratégias de adaptação socioambiental?

O objetivo principal deste estudo é analisar de que formas as alterações climáticas estão afetando o dia a dia, as práticas produtivas, culturais e as condições de saúde da comunidade Serrinha, localizada em Oriximiná (PA), a partir da percepção dos moradores e do cruzamento de dados científicos.

E tem como objetivos específicos:

- Identificar as principais percepções dos moradores sobre as mudanças climáticas na comunidade;
- Avaliar os impactos das mudanças climáticas nas atividades produtivas (agricultura e pesca), nas práticas culturais na saúde pública;
- Sugerir estratégias de adaptação e ações de políticas públicas que considerem os saberes tradicionais e a realidade local da comunidade serrinha.

## MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo seguiu uma metodologia mista, reunindo dados qualitativos e quantitativos, a pesquisa contou com a participação de 33 moradores (12,4% da população local). A coleta de dados primários foi realizada a partir de um formulário elaborado no Google Forms e os dados secundários de uma análise bibliográfica minuciosa sobre as mudanças climáticas em quilombos.

O formulário cuidadosamente elaborado para a coleta de dados primários contou com 18 perguntas distribuídas entre obrigatórias e não obrigatórias. Dados dos participantes como nome e idade constou como opcional garantindo assim o anonimato dos mesmos. O uso exclusivo de formulários no whatsapp para a coleta online, representa uma limitação ao potencialmente excluir moradores que não possuem dispositivos móveis, baixo acesso à internet, baixa escolaridade ou idosos.

O instrumento foi projetado para coletar dados socioeconômicos básicos, avaliar a percepção local sobre mudanças climáticas, identificar impactos em atividades produtivas, saúde e cultura e mapear estratégias de adaptação. O formulário foi disponibilizado para os moradores da comunidade Serrinha através de grupos de whatsapp local.

Os dados primários organizados no Google Planilhas, foram analisados utilizando estatística descritiva simples, com a geração de gráficos de distribuição e o cálculo de frequências relativas (em porcentagem), para facilitar a visualização e interpretação dos dados quantitativos coletados.

Para as respostas abertas realizou-se uma análise qualitativa, com base na técnica de análise temática, envolvendo as etapas de leituras e familiarização com o material, permitindo a identificação de elementos centrais nas percepções e nas experiências relatadas pelos participantes sobre as mudanças climáticas e as estratégias locais de adaptação.

Os dados secundários utilizados neste estudo foram obtidos através de uma revisão bibliográfica. Para garantir a confiabilidade das informações, foi realizada uma busca em bases de dados como o Google Acadêmico (2025) e através de pesquisa direta na plataforma Google.

Os dados secundários, provenientes da revisão bibliográfica, atenderam os critérios de relevância, atualidade e rigor científico considerando publicações dos últimos 14 anos com foco principal nas comunidades quilombolas, mudanças climáticas e vulnerabilidades socioambientais. Priorizou-se a busca em base científica como Scielo, limitando-se ao uso Google Acadêmico como materiais complementares e de apoio contextual. Além do

recorte temporal, os critérios de seleção incluíram a pertinência temática. A pesquisa bibliográfica permitiu embasamento para a interpretação dos dados primários, assim como, uma investigação minuciosa sobre os contextos históricos, ambientais e sociais que envolvem a comunidade estudada.

### Localização Geográfica da Área de Estudo

A Comunidade Quilombola Serrinha, localizada no município de Oriximiná, no estado do Pará, situa-se na região às margens direita do rio Erepecuru, zona rural do município, em uma área conhecida como Área Trombetas (ACORQAT - Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo Área Trombetas). Sua origem remonta à formação de agrupamentos compostos por descendentes de africanos escravizados, provenientes tanto da região do rio Trombetas quanto de outras partes do Brasil. Esses grupos se estabeleceram na localidade ao fugirem de contextos de opressão, em busca de um território seguro onde pudessem reconstruir suas vidas com autonomia, dignidade e condições mais humanas de existência (Dias, 2010).

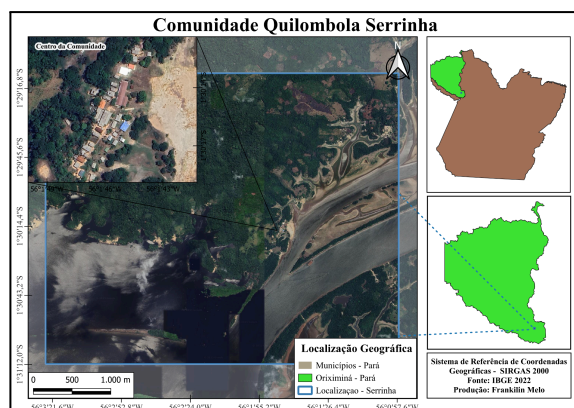


Figura 1: Localização da Comunidade Quilombola Serrinha, Oriximiná (PA), na região do Rio Erepecurú /Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do IBGE (2022).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados trazem os dados coletados de 33 comunitários que responderam voluntariamente ao formulário aplicado, destacando os principais impactos ambientais, culturais e socioambientais que afetam a comunidade.

Atualmente, Serrinha possui uma população estimada de 266 habitantes, distribuídos em 71 famílias conforme informado pela Agente Comunitária de Saúde (ACS), Mariele dos Santos Lopes.

Além disso, os dados demográficos coletados indicam que a faixa etária dos envolvidos está em idade ativa (15 a 64 anos), o que está em conformidade com o perfil populacional brasileiro.

Segundo o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a maior parte da população brasileira (140.782.394), está nessa faixa etária.

O questionamento “Você mora na comunidade há quanto tempo?” fornece respostas que evidenciam claramente uma variação no tempo de residência, incluindo habitantes com longa permanência e outros com inserção mais recente.

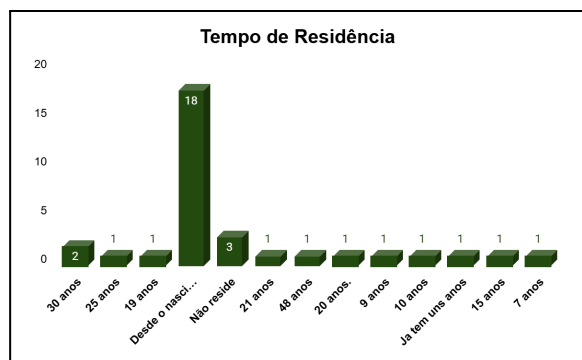


Figura 2- Tempo de residência dos participantes na comunidade/Fonte: Dados coletados junto à Comunidade Serrinha Pesquisa de campo, 2025.

Essa longa permanência reforça a existência de um forte vínculo territorial, sendo que “o território é usado não apenas como base física, mas como espaço de identidade e história compartilhada” (Santos, 1996), fato que favorece a preservação de práticas culturais e uma percepção aguçada dos moradores sobre as transformações socioambientais ocorridas ao longo dos anos.

#### Percepções sobre as Mudanças Climáticas

A partir dos dados obtidos, foi possível identificar como os moradores da comunidade percebem as mudanças climáticas em seu cotidiano. O aumento da temperatura foi o indicador mais mencionado de forma espontânea, por meio da expressão “Está mais quente”. Além dessa percepção direta, uma parte significativa dos participantes associou esse fenômeno a outros impactos ambientais, como alterações na frequência e intensidade das chuvas “Chove menos ou em épocas diferentes” e com fenômenos hidrológicos incomuns como “O rio enche ou seca em tempos estranhos”. Outros efeitos relatados incluem a intensificação das queimadas e outras mudanças percebidas, classificadas como “Outros”, abrangendo respostas de categorização complexa, dificultando uma investigação aprofundada dessas manifestações.

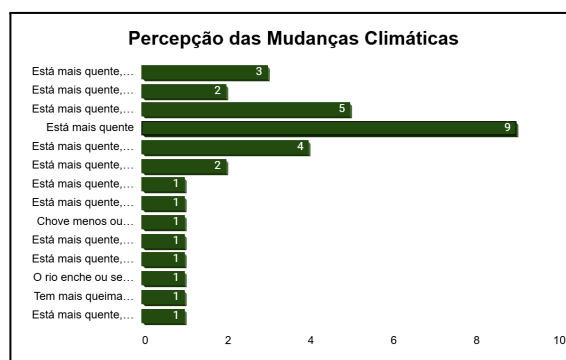


Figura 3: Percepção dos moradores sobre as Mudanças Climáticas/Fonte: Dados de Pesquisa de campo, 2025.

Essas percepções, como indicadores de alterações climáticas, são extremamente relevantes, pois revelam um saber ambiental baseado na observação direta e na vivência cotidiana com o território. No entanto, é importante destacar algumas limitações metodológicas do estudo. O número reduzido de participantes, dificulta a generalização dos resultados para toda a comunidade, considerando que apenas 12,41% dos residentes participaram da pesquisa. Além disso, as respostas obtidas são baseadas em experiências individuais, sem cruzamento com séries históricas ou dados meteorológicos oficiais que confirmem as mudanças apontadas. Essa ausência de triangulação entre percepção popular e dados técnicos representa uma lacuna que poderá ser explorada em estudos futuros, por meio de análises mais amplas e interdisciplinares.

#### Impactos das Mudanças Climáticas nas Atividades Produtivas

As variações no clima, como o aumento da frequência e intensidade de eventos extremos, incluindo secas, inundações e ondas de calor, têm impactado negativamente a produtividade agrícola, comprometendo a segurança alimentar e os meios de subsistência de milhões de famílias rurais (IPCC, 2021).

A comunidade também percebe esses efeitos na agricultura local, analisando diretamente os efeitos das mudanças climáticas e ambientais nas práticas produtivas. O dado com maior respostas mostra que 39,4% dos participantes afirmaram que “A terra não dá mais como antes”, expressão que reflete uma percepção clara de empobrecimento ou esgotamento do solo, possivelmente associada à perda de fertilidade e ao uso contínuo sem recuperação adequada.

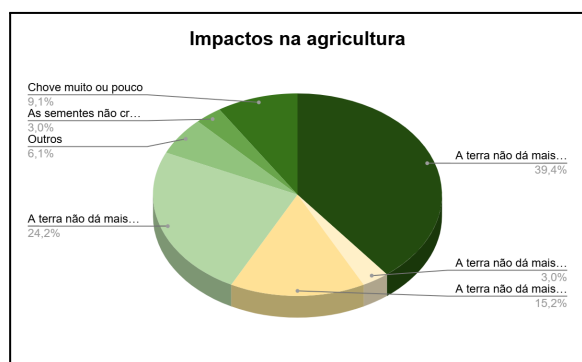


Figura 4 : Principais impactos das mudanças climáticas na agricultura./Fonte: Dados de Pesquisa de campo, 2025.

Além disso, 24,2% dos entrevistados relataram que “A terra não dá mais como antes, chove muito ou pouco”, evidenciando uma relação direta entre o desgaste do solo e a instabilidade do regime de chuvas, Essa percepção é ampliada por outros 15,2%, que apontaram múltiplos fatores, afirmando que “A terra não dá mais como antes, as sementes não crescem, chove muito ou pouco”. Esses relatos indicam uma visão integrada dos efeitos climáticos e agrônômicos sobre a produção local.

Outros, 9,1% dos participantes destacaram exclusivamente a instabilidade das chuvas, com a afirmação “chove muito ou pouco”, reforçando que o clima está mais instável. Entre as respostas com menor número, 6,1% marcaram “outros”, 3% disseram que “as sementes não crescem, chove muito ou pouco”, e mais 3% combinaram várias causas.

Esses dados revelam um cenário agrícola marcada por múltiplas vulnerabilidades, no qual os fatores climáticos (especialmente a irregularidade das chuvas) se somam a dificuldades estruturais, como o esgotamento do solo e a baixa taxa de germinação das sementes, que é essencial para o cultivo sustentável no dia a dia dos comunitários. Tal conjunto de fatores compromete a produtividade agrícola e afeta diretamente a segurança alimentar e a renda das famílias que dependem da agricultura como principal meio de subsistência, uma vez que “a vulnerabilidade da agricultura familiar diante das mudanças climáticas é acentuada pela dependência direta de condições naturais e pela limitada capacidade de adaptação técnica” (Altieri, 2012).

#### Impactos Diretos na Comunidade

Percepções comunitárias sobre a redução de peixes e possíveis vínculos com as mudanças climáticas

Os dados dispostos no gráfico 4 revelam os efeitos adversos percebidos pelos moradores em relação à disponibilidade de peixes. Um total de 87,88% dos entrevistados afirmaram que a quantidade de peixes reduziu nos últimos anos, o que indica uma percepção bastante consolidada da escassez de recursos pesqueiros na região.

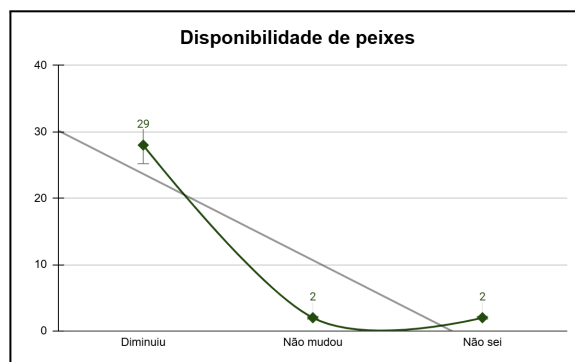


Figura 5: Impacto das mudanças climáticas na disponibilidade de peixes/Fonte: Dados de Pesquisa de campo, 2025.

Essa redução pode estar associada a uma série de fatores, como alterações hidrológicas, poluição, sobrepesca ou mudanças na qualidade da água, sendo necessária uma investigação mais aprofundada para identificar com precisão suas causas. No entanto, é plausível considerar que o aumento das temperaturas médias esteja contribuindo diretamente para essa diminuição, como sugerido por estudos científicos.

Segundo Andrade (2018) as alterações hidrológicas geram consequências em todo o ecossistema e em específico, para os peixes, um grupo fortemente influenciado pelas mudanças climáticas regionais. A fisiologia desses organismos está diretamente ligada à temperatura, que apresenta uma relação inversa com a quantidade de oxigênio dissolvido, implicando em sua disponibilidade no meio aquático (Ficke; Myrick & Hansen, 2007; Lima et al., 2016).

O aumento da temperatura e a redução do oxigênio dissolvido podem desencadear uma série de consequências biológicas negativas, como o aumento da taxa metabólica, maior custo energético, aumento do estresse fisiológico, desajuste de funções bioquímicas em função da temperatura corporal, e aumento na taxa de mortalidade de ovos, larvas e peixes adultos, alterando a estrutura, composição e dinâmica populacional das espécies (Freitas et al., 2013; Barros & Albernaz, 2013; Ropke, 2016)

Na saúde os impactos são bastante percebidos também. O problema mais citado foi a “Falta de água potável em épocas de seca”, mencionada por 25 participantes, mesmo quando associada a outros problemas. Esse dado aponta para uma das

consequências mais críticas das mudanças climáticas: a escassez hídrica. A ausência de água potável compromete não apenas a hidratação e a higiene pessoal, mas também o preparo de alimentos, o que pode desencadear um cenário de ampla vulnerabilidade sanitária.

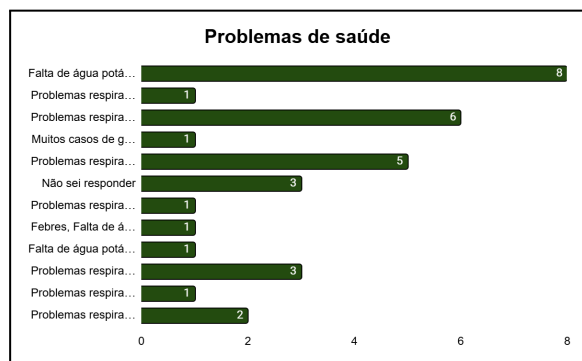


Figura 6: Problemas de saúde na Comunidade Serrinha associados às mudanças climáticas/Fonte: Dados de Pesquisa de campo, 2025.

Outro problema destacado refere-se aos “problemas respiratórios causados pela fumaça de queimadas”, mencionados por 19 entrevistados. Esses dados revelam um quadro preocupante de poluição atmosférica, frequentemente associada às queimadas e às práticas agrícolas inadequadas, afetando especialmente crianças, idosos e pessoas com doenças respiratórias crônicas.

Além disso, foram relatados outros sintomas e enfermidades, como “febre” (12 menções) e “gripe” (1 menção), associados possivelmente à ingestão de água contaminada, à exposição prolongada a ambientes insalubres ou à inalação de fumaça. Também foram citados 4 casos de “desnutrição”, refletindo um quadro de insegurança alimentar que pode ser consequência tanto da queda na produção agrícola quanto das dificuldades de acesso a alimentos saudáveis e variados.

Esses dados indicam que os impactos na saúde são bastante sentidos de forma direta na comunidade e que a combinação entre falta de acesso à água potável, queimadas, e a pouca oferta de alimentos formam um aglomerado de problemas que acabam colocando os comunitários em situações de risco. Por isso, a saúde nas comunidades tradicionais têm que ser vistas como prioridade por parte do governo, priorizando ações voltadas à melhoria dos serviços de saúde e saneamento básico nas comunidades tradicionais e rurais, considerando suas especificidades territoriais e socioculturais no planejamento de políticas públicas.

As percepções sobre as mudanças culturais apontadas pelos moradores indicam que aproximadamente 60% afirmam que festas e os mutirões realizados dentro da comunidade estão sendo afetados pelas alterações climáticas.

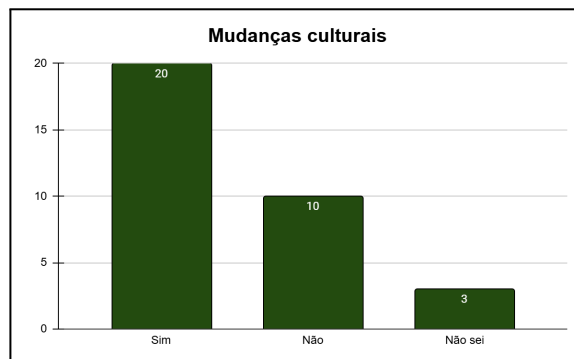


Figura 7: Impactos das mudanças climáticas nas práticas culturais comunitárias/Fonte: Dados de Pesquisa de campo, 2025.

A segunda pergunta deste tópico, “Algumas famílias tiveram que sair da comunidade por causa dessas mudanças?”, revelou que aproximadamente 48% dos entrevistados responderam afirmativamente.

#### Preocupações e Sugestões

Os dados qualitativos coletados revelam preocupações urgentes e sugestões valiosas expressas pelos moradores. Três relatos, em especial, ilustram os efeitos diretos das alterações climáticas e as vulnerabilidades enfrentadas, ao mesmo tempo em que apresentam caminhos propostos pelos próprios sujeitos sociais.

“A preocupação maior, é pensando no tempo de seca, onde de tudo um pouco se multiplicam, as dificuldades de locomoção de pessoas e embarcações, problemas de saúde aumentam e a ajuda do governo que é pra chegar nesse período de verão, só chega no inverno”. (Rozenalda Oliveira, Quilombola residente na comunidade há 25 anos).

A fala de Rozenalda Oliveira, evidencia como o período de estiagem amplia a vulnerabilidade do local de forma significativa. Um detalhe que chama atenção é a sua observação sobre o atraso da assistência governamental, apontando a ineficácia de políticas públicas emergenciais. Esse fato se alinha ao que Scotti e Pereira (2022) afirmam em injustiça climática: a desigualdade social como violação à garantia de direitos “As diversas vulnerabilidades estão ligadas às violações de direitos concretizadas em um Estado que se faz ausente e torna carente de proteção quem mais deveria desfrutar de políticas públicas fomentadoras de justiça social.”



“Está mais quente, chove menos ou em épocas diferentes. O rio enche ou seca em tempos estranhos, tem mais queimadas por perto”. (Julinaldo Melo, Quilombola residente na comunidade há 48 anos).

O depoimento de Julinaldo sintetiza com clareza as transformações ambientais percebidas pela comunidade, como o aumento da temperatura e a irregularidade dos ciclos hidrológicos. Essas evidências empíricas estão alinhadas às afirmações de Marengo e Souza Jr. (2018), “Os cenários de mudanças climáticas para a Amazônia, projetados por modelos climáticos complexos e apresentados pelo IPCC1,2, apontam para um aumento na temperatura média do ar projetado até o final do século XXI bem acima de 4°C e redução nas chuvas de até 40% na Amazônia”.

“Desmatar menos, trazer equipe médica a cada mês, ter água limpa no verão e inverno, ser mais assistida pelos nossos governantes, para minimizar essas situações”. (Luene Melo, Quilombola residente na comunidade há 32 anos).

A contribuição de Luene Melo traz sugestões de adaptações e enfrentamentos. Seu relato revela não apenas as necessidades específicas, mas também a agenda mínima de direitos socioambientais. Isso reflete o descaso do poder público e reforça a importância de políticas intersetoriais, especialmente nos territórios com maior vulnerabilidade.

Para facilitar a compreensão dos principais resultados numéricos, a Tabela 1 traz um resumo das variáveis que foram mais frequentemente citadas pelos entrevistados, ressaltando as ideias mais comuns sobre os efeitos das mudanças climáticas na comunidade.

Tabela 1: Resumo para análise quantitativa

Variável	Frequência	Destaque
Percepção de aumento de calor	82,86%	Quase unanimidade
Redução de peixes	87,88%	Impacto na segurança alimentar
Problemas respiratórios	61,11%	Ligação direta com queimadas

## CONCLUSÃO

As mudanças climáticas são uma ameaça real e crescente na comunidade quilombola Serrinha,

intensificando vulnerabilidades socioambientais já existentes. Os resultados claramente apontam que os membros comunitários estão cientes quanto aos efeitos adversos das alterações climáticas, como o aumento da temperatura, as irregularidades das precipitações e a escassez dos recursos naturais os quais impactam diretamente em suas atividades produtivas, na qualidade de vida e em suas tradições culturais. A redução na disponibilidade de peixes e a degradação do solo comprometem a segurança alimentar, enquanto a escassez de água potável e os incêndios florestais agravam questões de saúde.

A pesquisa enfatiza a necessidade urgente de ações intersetoriais que unam conhecimentos tradicionais a políticas públicas eficazes, como assistência médica e a criação de um posto de saúde com profissionais qualificados, o acesso à água potável e o incentivo à agricultura sustentável. Além disso, é indispensável promover a justiça climática, garantido que comunidades tradicionais, como Serrinha, recebam o apoio necessário para o enfrentamento das adversidades climáticas. O estudo destaca ainda a importância de considerar as vozes locais e integrar suas percepções a estratégias de adaptação e mitigação, visando assegurar a sustentabilidade e a preservação dessas comunidades.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos, com profundo respeito, à comunidade quilombola Serrinha, em Oriximiná (PA), especialmente aos moradores que participaram desta pesquisa, compartilhando seus relatos de experiências, conhecimentos, percepções e saberes, nosso sincero reconhecimento pela valiosa contribuição à construção deste estudo. Sem a participação ativa e o compromisso de cada pessoa envolvida, esta pesquisa não teria sido possível.

Estendemos também nosso agradecimento às lideranças locais, à Agente Comunitária de Saúde Marciele dos Santos Lopes, e a todos que, de alguma forma, apoiaram o desenvolvimento deste trabalho. Esta produção é fruto de uma escuta atenta e do desejo de dar visibilidade às vozes que muitas vezes permanecem silenciadas, reconhecendo a força, a resistência e o protagonismo da comunidade diante dos desafios socioambientais.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, seja por meio do apoio técnico, incentivo e colaboração institucional. Sendo dedicado este trabalho a todas as comunidades quilombolas da Amazônia, que, mesmo diante das adversidades, seguem resistindo, cultivando seus territórios e fortalecendo seus modos de vida tradicionais.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Bruna de Souza et al. efeitos da mudanças climáticas sobre as comunidades de peixes na Bacia Amazônica, *Revista Ciências da Sociedade (RCS)*, v.2, n. 4, p. 107-124, jul./dez.2018.
- ANDRADE, Lúcia Mendonça morato de. Terras quilombolas em Oriximiná: pressões e ameaças. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2011. Disponível em: [https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo\\_noticia/21122\\_20111103\\_181536.pdf](https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/21122_20111103_181536.pdf). Acesso em: 30 de maio de 2025.
- CARNEOSSO, Poliana Batista; BATISTA, Angelina Quatrin da Silva; VAZ, Ricardo Zambarda. Impactos das mudanças climáticas na agricultura familiar: desafios, adaptações e implicações socioeconômicas. [S.l.: s.n.], 2024.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2022.[S.l.: IBGE], 2022.
- DIAS, N. M. G. Serrinha/Oriximiná-Pará: aspectos sócio-históricos, políticos e culturais de um quilombo da Amazônia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. Disponível em: <https://epppac.com.br/wp-content/uploads/2021/07/48-SERRINHA-ORIXIMINA-PARA-aspectos-sociohistoricos-politicos-e-culturais-de-um-quilombo-.pdf>. Acesso em: 29 maio 2025.
- DINIZ, Raimundo E. S.; DINIZ, Silvana S.B. O protagonismo quilombola e as alternativas à crise climática na Amazônia. *Revista Margens*, Belém, v. 3, n. 2, p. 184-200, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/17157/11456>. Acesso em: 29 maio 2025.
- EDITORES DO VOLUME: TORRES, Pedro Henrique C.; JACOBI, Pedro Roberto; MOMM, Sandra. *Dimensões humanas das mudanças climáticas: um diálogo Austrália-Brasil*. Edição vol.6, n. 16, mar. 2023.
- HAESBAERT, Rogério. Conceitos fundamentais da Geografia: território. *GEOgraphia*, Niterói, v. 25, n. 55, e61073, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2023.v25i55.a61073>. Acesso em: 29 maio 2025.
- INJUSTIÇA CLIMÁTICA: a desigualdade social como violação à garantia de direitos. Guilherme Scotti; Diego Pereira. *RDP*, Brasília, v. 19, n. 104, out./dez. 2022.
- MENIN, Júlia. “ A natureza se move e a gente se move junto”: práticas de adaptação às mudanças climáticas em comunidades ribeirinhas da Amazônia. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/226010>. Acesso em: 29 maio 2025.
- MUDANÇAS CLIMÁTICAS: impactos e cenários para a Amazônia. Carlos Souza Jr. (Pesquisador sênior do Imazon); Nador Geral de Pesquisa e Desenvolvimento no Cemaden. São Paulo, dez. 2018.
- OLIVEIRA, V. P. de; MAFRA, M. V. P.; SOARES, A. P. A. Eventos climáticos extremos na Amazônia e suas implicações no município de Manaquiri (AM). *Revista Geonorte*, v. 1, n. 5, p. 977-987, 2012.
- SANTOS, Danielle I. P. dos et al. Mudanças climáticas e modo de vida ribeirinho: bases para a governança de riscos. *Educamazônia*, Manaus, v. 17, n. 35, p. 23-40, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/11862>. Acesso em: 29 maio 2025.
- SANTOS, Raimundo Erundino; DINIZ, Silvana da Silva Barbosa. O protagonismo quilombola e as alternativas à crise climática na Amazônia. *Margens: Revista Interdisciplinar*, v. 18, n. 30, jan./jun. 2024. e-ISSN: 1982-5374.